

Josiele Bené Lahorgue¹

Tittoni, J., & Zanella, A. V. (Org.). (2016). *Psicologia e Fotografia: alguns ensaios*. Rio de Janeiro: Multifoco.

Escrever uma resenha é como contemplar uma obra de arte, buscamos aquilo que nos afeta, que de alguma forma nos faz ver, ouvir e sentir de outra maneira. Focamo-nos no que nos chamou a atenção, de alguma forma. Portanto, a escrita dessa resenha é feita de escolhas, que se dão a partir do contexto no qual me encontro inserida, com as condições de possibilidades que tenho. Por este motivo, talvez deixe de lado questões que outras leitoras¹ apresentariam como foco de uma resenha. É como o ato de cartografar, mapear para além do mapa (Rolnik, 1989), traçar sentidos que foram produzidos por mim a esta obra. Buscar os ditos e os não ditos, o que está (in)visível e que é (in)dizível no instante em que me debruço sobre a escrita.

Apresentarei aqui um livro de encontros, como as organizadoras Jaqueline Tittoni e Andrea Zanella o denominam na apresentação: encontros de afecções, que se dão com as autoras com quem dialogam, com as outras com as quais pesquisam, com as imagens e palavras dispostas às/aos leitoras/es que terão contato com tal

obra; encontros com a potência da fotografia como um método de pesquisa em psicologia, “a potência do uso da imagem como intervenção e como dispositivo de reflexão e ética que se transversaliza para além dos campos de intervenção específicos” (Tittoni & Zanella, 2016, p.10); encontros entre pesquisa, psicologia, fotografia.

Um encontro entre pesquisas: Tittoni e Zanella trabalham com fotografia e pesquisa em psicologia há alguns anos, e o livro é decorrente dessas experiências. Os capítulos são produções oriundas de teses e dissertações desenvolvidas pelas autoras dos mesmos e com orientação de Jaqueline ou Andréa. Um livro fotografia, que enquadra o debate sobre a pesquisa e deixa como cenário muitas inquietações e desafios que nos impulsionam a pensar novas inventividades para a pesquisa em psicologia.

Os encontros dão-se no decorrer da leitura e constituem-se nos trajetos que as diversas autoras percorrem em suas pesquisas. Diferentes contextos são demarcados a partir das fotografias. Estas vão se dispondo a mostrar às/aos leitoras/es as

¹ Mestre em Psicologia, doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, na Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. E-mail: psicojosi@gmail.com

possibilidades de diálogo a partir de uma imagem. Alguns autores são utilizados como base para pensar a relação entre psicologia, pesquisa e fotografia. Foucault, Barthes, Bakhtin, Deleuze, Vigotski, Sontag, Dubois e tantas outras inspirações teóricas são-nos apresentados para pensar os encontros que demarcam o objetivo do livro a partir de diversos contextos: espaço-tempo escolar, a(s) cidade(s) e a forma como nos relacionamos com ela(s), as políticas de saúde, o espaço da assistência social, os direitos de gênero.

Acompanho a proposta da prefaciante, Maria Elizabeth Barros de Barros, e deixo-me levar por uma “leitura-experiência” que possibilita pensar a pesquisa em psicologia como uma pesquisa inventiva, na qual pesquisadoras se propõem a olhar com outros olhos e com seus corpos vibráteis (Rolnik, 1989) os contextos de pesquisa. Experiencio a leitura conforme nos propõe Larrosa (2002) – bem devagar, atenta aos detalhes – e deixo-me afetar pelas imagens-palavras que compõem a obra.

Já os primeiros capítulos apresentam-nos a base teórica que dá sustentação aos debates propostos neste livro e levam-nos a compreender, a partir da análise de imagens fotográficas, a prática da pesquisa em psicologia que utiliza o recurso da fotografia como método de pesquisa. Convidam-nos, assim, a sermos crianças novamente, a “rachar” as imagens; inquietam (somente a mim?); instigam a olhar para as sombras e dar sentidos a partir de nossos corpos.

A fotografia é apresentada, por todas as autoras do livro, não como representação de uma realidade, mas sim como “objeto da atividade criadora de quem a produz” (Tittoni & Zanella, 2016, p.43). A imagem fotográfica é considerada um signo, que para Bakhtin e Volochínov (2010) é produto ideológico de uma dada realidade, e por ser ideológico reflete e refrata uma realidade que lhe é exterior. Portanto, para o autor, compreender um signo é aproximar-se do mesmo a partir de outros signos já conhecidos, compondo assim uma cadeia ideoló-

gica que “estende-se de consciência individual em consciência individual” (Bakhtin & Volochínov, 2010, p.34). A fotografia é portanto diálogo, uma “produção discursiva de sujeitos que ocupam determinados lugares sociais e dialogam com o contexto de sua enunciação” (Tittoni & Zanella, 2016, p. 62). Ela é disparadora de diálogos entre contextos diferentes. Ou seja, é preciso compreender que a fotografia, enquanto um signo social, é linguagem.

A relação entre a fotografia e a produção de subjetividade é também um dos pontos de conexão entre alguns dos trabalhos apresentados no livro. Por ser considerada linguagem, a fotografia é mediadora de nossas relações sociais. Mediadas pela linguagem, constituímos-nos a partir dos olhares de outros que nos definem e vamos dando sentido àquilo que nos permeia enquanto sujeitos. Não há conclusão, mas um sentido (in)concludente de nós a partir dos outros. Recriamo-nos a partir desses olhares e vamos dando sentidos outros a nossos próprios olhares, gestos, ideias. A fotografia, como (in)concludente, convida a sua contempladora a recriar a imagem que é vista a partir de seu lugar, de seu olhar, que é marcado pelas condições de contexto em que vive, pelos afetos e sentidos que atribui à mesma. Portanto, nunca vemos a mesma fotografia, nunca pesquisamos o mesmo contexto e nunca nos relacionamos da mesma maneira com os outros.

A relação entre tempo e fotografia, apresentada no último capítulo do livro, afetou-me a pensar a relação tempo e pesquisa. A pesquisa dá-se em um determinado tempo, assim como a fotografia. Poderíamos pensar que a pesquisa demarca uma realidade que foi fixada e já não é mais a mesma quando estamos escrevendo sobre ela. No entanto, as autoras fazem-nos ver que o instante fotográfico é imanente: assim como o instante da pesquisa, ele “remete a uma deriva, onde nos misturamos e nos dissolvemos nele” (Tittoni & Zanella, 2016, p. 252). Por ser também obra de arte, a pesquisa dialoga

com suas leitoras a partir da potência do encontro, que se dá pela possibilidade que tal obra faz de ver e ouvir o que antes era ruído (Ranciére, 2012). Ela possibilita a produção de sentidos outros nas espectadoras que a manuseiam de modo semelhante como contemplam uma fotografia. Leva as leitoras a tempos outros, que são ressignificados e trazidos à tona, presentificados.

Assim como a fotografia, cada pesquisa carrega um tempo “que nem sempre é da ordem cronológica e linear” (Tittoni & Zanella, 2016, p. 247), e que não é fixo, mas dialógico, pois se apresenta nas tensões existentes entre pesquisadoras e sujeitos com as quais pesquisam, tensões que “exercitam nosso olhar sobre o mundo. Olhares desbravadores da complexidade e da polifonia do viver” (Tittoni & Zanella, 2016, p. 184). Assim, a partir de análises de imagens fotográficas, as autoras convidam-nos a ver o mundo com olhos outros e com sentidos outros. Evocam-nos a sair da perspectiva visual e “ver com todo o corpo” (Tittoni & Zanella, 2016, p. 84), deixando-nos levar por vozes, cheiros, sons, texturas.

Nesses deslocamentos propostos, as autoras demarcam a importância da pesquisa em psicologia seguir os fluxos dos afetos, deixar levar pela potência dos encontros entre sujeitos. Para Bakhtin (2011) a pesquisa em ciências humanas intervém com sujeitos que têm voz e que, por este motivo, não podem ser consideradas coisa muda, objetos de um estudo; sendo assim, “o conhecimento que se tem dele[as] só pode ser dialógico” (Bakhtin, 2011, p. 400). Por conseguinte, a dialogia como tensão criadora possibilita à pesquisadora problematizar seu lugar, suas posições, suas certezas, seus encontros e sua escrita. Escrita esta que não procura fechar os diálogos constituídos e instituídos, mas os problematizar, o que nos leva a também problematizar nosso lugar na pesquisa/escrita. Este livro faz-nos pensar sobre a potência dos sujeitos que falam, seja com palavras ou com imagens.

REFERÊNCIAS

- Bakhtin, M. M. (2011). *Estética da criação verbal* (6 ed.). São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Bakhtin, M. M., & Volochínov, V. N. (2010). *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (14 ed.). São Paulo: Hucitec.
- Rolnik, S. (1989) *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Ranciére, J. (2012). *O espectador emancipado*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Larrosa, J. B. (2002). Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*. 19, pp. 20-28.
- Tittoni, J., & Zanella, A. V. (Org.). (2016). *Psicologia e Fotografia: alguns ensaios*. Rio de Janeiro: Multifoco.

Nota:

¹ Demarco aqui que utilizarei os substantivos no feminino para apresentar uma possibilidade outra de escrita, que tensiona a hegemonia dos escritos acadêmicos sempre no masculino. Considero importante essa inventividade na escrita, pois o livro que está sendo resenhado foi escrito em sua maioria por mulheres.

RECEBIDO: 30/03/2017

APROVADO: 15/ 04/ 2017